



# **Bolsas Universidade de Lisboa / Fundação Amadeu Dias**

**Edição 2011/2012**

## **Relatório de Projeto**

**O estatuto do Muçulmano na Modernidade: na génese de um modelo  
identitário contemporâneo (estudo de história comparada das  
representações)**

Bolseiro(a): Gonçalo Ramos

Faculdade de Letras  
Curso: Licenciatura em História  
Ano: 2012

Tutor(a): Prof. Pedro Barbosa

julho de 2012

## Índice

Enquadramento epistemológico: considerandos heurísticos e historiográficos.....	p.1
Objetivos do projeto: quadro orientador apriorístico.....	p.2
Metodologia aplicada: considerandos hermenêuticos.....	p.2
O estatuto do Muçulmano na Modernidade: na génese de um Modelo Identitário Contemporâneo- Resultados Obtidos.....	p.4
• As fontes modernas: um universo multímido.....	p.4
• Huntington e Saïd: polos da mesma elipse.....	p.7
• Entrecruzamentos temporais na linha de Venn.....	p.10
Execução Financeira.....	p.13
Conclusões.....	p.14
Bibliografia.....	p.15
Anexo1.....	p.16
Anexo2.....	p.17



**UNIVERSIDADE  
DE LISBOA**



### **Enquadramento epistemológico: considerando heurísticos e historiográficos**

Empreende este relatório uma viagem dúplice, isto é, vivida a dois ritmos históricos distintos, mercê da clivagem multissecular que os separa. Falamos, claro está, da Modernidade europeia, e da Contemporaneidade, o nosso próprio tempo histórico. A ligação angular de ambos prendeu-se com a abordagem que dedicámos às potências islâmicas em presença em cada um deles e, ulteriormente, à definição alternativa de um discurso adotado pelo “outro” europeu pautado, ora pela alteridade, ora pela manutenção de caracteres comuns.

Para a primeira temporalidade, restringimo-nos ao Império Otomano(indubitavelmente o que mais influenciou o destino histórico de toda a Europa e da *Mitteleuropa*, em especial) e, na segunda, demos conta dos conceitos geralmente utilizados na elucidação das forças do extremismo islâmico atual. Para tal, recorreremos, centralmente, a Saïd e a Huntington, dois autores diametralmente opostos nos seus meios e fins investigativos. Justamente por estas valências, todo este trabalho deve ser lido sob o signo de uma dialética estruturadora e tensional, sempre sob o pano de fundo do Mediterrâneo, espacialidade de inserção de ambos os contextos.

Na verdade, dada a vastidão temporal eleita, restringimos, fundamentalmente, o espectro epistemológico da Modernidade ao século XVII, data dos conflitos mais acesos entre os blocos da Catolicismo Tridentino e do Império Otomano e também do início do ocaso deste último, recorrendo a autores ibéricos, como Lucas Pérez e José Monterroio Mascarenhas, que tanta atenção votaram a esta alteridade civilizacional. As teses dos autores supracitados, a do autor palestiniiano(de nacionalidade americana) na sequência dos movimentos da O.L.P. nos anos 70 da centúria anterior, e a do professor de Harvard, na procura do novo equilíbrio de poderes decorrente do colapso do Bloco Soviético, têm a vantagem de nos oferecerem, no primeiro caso, a génese da mediatização do que se convencionou designar “terrorismo”, e de nos alertarem para a importância, no segundo caso, da integração destas questões na Guerra Fria e no desmentido liminar da tese do “Fim da História”, preconizada por Fukuyama.

Trata-se, assim, de um relatório que se caracteriza pela compreensão das raízes da violência associada ao fundamentalismo islâmico *jihadista*, numa perspetiva antropológica ocidental, e sedeia-se na convicção de que somente o melhor esclarecimento da história de qualquer questão poderá pôr em evidência, não só uma melhor

compreensão daquela, como o ajuizamento mais acertado das soluções conducentes a uma solução pacífica<sup>1</sup>.

### **Objetivos do projeto: quadro orientador apriorístico**

Os objetivos que nortearam a nossa candidatura inicial a esta Bolsa de Investigação influem, em parte, no que aqui exporemos, mas foram, compreensivelmente, matizados pelas exigências da economia narrativa do relatório propriamente dito. Segue-se um breve elenco destes elementos compósitos:

- Clarificar a ligação existente entre o estatuto antropológico do Otomano na Modernidade com o do atual muçulmano, à luz das generalizações abusivas decorrentes do fenómeno terrorista;
- Salientar, na esteira de Braudel, a essencialidade do Mediterrâneo na delineação de antropologias multisseculares;
- Contribuir, na medida do possível, para a colocação, nos *curricula* de Humanidades, da Otomanística;
- Confrontar as teses de Huntington e Saïd, interrelacionando-as com as nossas próprias conclusões;
- Compreender que o extremismo islâmico é originário de um contexto histórico muito preciso;
- Frisar a diversidade cultural constante no mundo árabe-islâmico, a despeito do substrato uniformizador da religião;
- Facilitar o entendimento das raízes históricas do Terrorismo;
- Ajuizar as melhores resoluções, no plano internacional, da problemática terrorista e dos movimentos de erosão governativa nos países de maioria islâmica, mormente o Egito, Tunísia e Síria.

### **Metodologia aplicada: considerandos hermenêuticos**

A metodologia aplicada a esta investigação foi, de igual modo, um instrumento utilizado em função dos tempos históricos que abordávamos. Se na Contemporaneidade, período cujo tratamento merece aos historiadores as maiores reservas profissionais, pela sua proximidade temporal, que dificulta qualquer distanciamento científico que se

---

<sup>1</sup>Aspeto que se salienta bem em Pedro Gomes Barbosa, como nos seus artigos recentes para a revista *Segurança e Defesa*, e, de igual modo, num trabalho interessantíssimo de José Pedro Teixeira Fernandes, publicado na 3ª série do ano 2005, da revista *Nação e Defesa*, intitulado: “A Memória Otomana nos Conflitos dos Balcãs”.

intente encetar, se procurou incorporá-lo num contexto histórico muito preciso (como por exemplo na perceção de que as movimentações da O.L.P. afundam as suas raízes na criação da Irmandade Muçulmana, no Egito, em 1928, por Hassan al-Banna, não obstante a oposição ao elemento sionista que as singularizam), para o período do Antigo Regime a análise, se bem que comum neste esforço de inclusão, avesso à geração espontânea dos fenómenos históricos, foi inteiramente outra. Não nos esqueçamos que os autores quinhentistas e seiscentistas abordados são bastante heterogéneos nos seus propósitos, mas não tinham como objetivo primacial a teorização factológica do que vivenciaram ou aprenderam, como sucede com os contemporâneos. Esta última tarefa cabe ao Historiador, que lhes peneira demoradamente os escritos na busca incessante de um sentido para o que verdadeiramente aconteceu(Ranke). Veja-se a diferenciação radical existente entre Moisés Almosnino, judeu sefardita que, instalado na Salónica sob jugo otomano, dedica, se não um panegírico, pelo menos um relato bastante amistoso da ação dos sultões otomanos, contribuindo, assim, para a manutenção das excelentes relações que a comunidade judaica gozava com as cúpulas do poder turco<sup>2</sup>, e Lucas Pérez, catedrático de Físicos da Universidade de Salamanca, geral da Ordem de S. Bento, e verdadeiro crente no favor divino consagrado aos inimigos mortais dos otomanos: a Santa Aliança e, por consequência, opositor acérrimo não só da “teologia”<sup>3</sup> maometana, como da civilização turca, genericamente. É justamente esta alteridade que, cotejada com as informações retiradas de Saïd e Huntington, constituirão o cerne da questão anteposta a este relatório: as antropologias do muçulmano em dois momentos históricos temporalmente contíguos, mas civilizacionalmente longínquos.

Pegando, como remate, nesta premissa, tenha-se em mente outro aspeto fulcral: não obstante a historicidade inequívoca que pontua a ligação entre ambos os modelos identitários, lembremo-nos da centralidade da religião em todo este processo, que, condicionando a abordagem da Idade Moderna, não deixa de ser vital na Idade Contemporânea, por muito que se lembre, acertadamente, a intrínseca laicidade inerente às intervenções atuais em zonas islâmicas. Ainda assim, não há dúvida de que o decaimento do fenómeno religioso é um fator que consubstancia a diferenciação entre ambas as antropologias, apesar das ligações que evidenciaremos.

---

<sup>2</sup>Cf. Pilar Romeu FERRÉ, “Introducción”, Moisés ALMOSNINO *Crónica de los Reyes Otomanos*, 1ª ed. de Pilar Romeu Ferré, Tirocinio, Barcelona, 1998, pp. 1-49.

<sup>3</sup>Expressão aqui grafada com aspas, pela impropriedade do seu emprego na religião muçulmana.

## O estatuto do Muçulmano na Modernidade: na génese de um Modelo

### Identitário Contemporâneo- Resultados Obtidos

#### As fontes modernas: um universo multimodo

O subtítulo desta secção serve-nos aqui de ponto de partida: de facto, as fontes modernas que consultámos são um universo multimodo, já pela diversidade de comprometimento ideológico e social dos seus fautores, já pelo contexto temporal em que se inserem. Não nos iludamos: a Modernidade é um período excecionalmente vasto, o que nos obrigou a focar a nossa atenção em Seiscentos, como já dissemos, mas não descurando a centúria anterior, época de Solimão, *O Magnífico*, e da famosa batalha de Lepanto, tão vital na manutenção dos carateres da cultura ocidental. Em termos heurísticos, não tendo sido possível (por imperativos logísticos) o acesso a arquivos da Europa Central, escolhemos, predominantemente, autores ibéricos ou de alguma forma associados ao nosso complexo geográfico. É justamente por isso que Moisés Almosnino, judeu sefardita, mereceu a nossa atenção, até porque a sua proximidade do centro de poder otomano constituía outra valência difícil de ignorar ostensivamente.

Começemos por ele. Nascido em Salónica, em 1518, no seio da mais poderosa comunidade hebraica da cidade, desde sempre se interessou pela escrita e pelos estudos, destacando-se na Astronomia e na Geografia. Ainda assim, seria a *Crónica de los Reyes Otomanos*, composta em aljamia hebraica, mas em língua castelhana, que o imortalizaria no seio da Hebraística. Note-se, à semelhança do que outros estudiosos da História Judaica já haviam concluído, a ligação ancestral à sua pátria hispânica, de onde a sua comunidade fora expulsa há não muitos anos. Leia-se, contudo, esta crónica à luz de uma consolidação política<sup>4</sup> das posições hebraicas na estrutura do Império da Sublime Porta<sup>5</sup>. Aliás, escrita já no ocaso da sua vida, a crónica é mais uma rememoração destinada a perdurar vindouramente<sup>6</sup> do que um programa político inicial *stricto sensu*. Atente-se, logo na abertura do texto:

*“Proceso de lo sucedido en la guerra que hizó nuestro gran señor ‘sultan Suleimán, que esté en gloria(...) y aunque se hallaba cargado de edad ‘en la vida decrépita, mostró valerosísimo y muy generoso ánimo y gallardo esfuerzo”*<sup>7</sup>

<sup>4</sup>De outra forma não se explica que todo o *Libro IV* se intitule, sugestivamente: “Las negociaciones de la delegación de Salónica ante la Corte de Suleimán”.

<sup>5</sup>Cf. *supra*. Metodologia aplicada: considerando hermenêuticos.

<sup>6</sup>O que não deixa de ser irónico, se nos lembrarmos que a edição de que nos servimos se baseia na **única cópia existente do texto**, presentemente na Biblioteca Ambrosiana de Milão.

<sup>7</sup> Cf. Moisés ALMOsnino, *Crónica de los Reyes Otomanos*, 1ª ed. de Pilar Romeu Ferré, Tirocinio, Barcelona, 1998, pp.60-61.

Inicia-se, aqui, o processo de exaltação do sultanato otomano. Seguindo, *pari passu*, Donald Quataert, não percamos de vista que este Império se encontrava no auge do seu poderio militar: tal como Almosnino se referirá mais adiante, para lá dos temíveis janízaros, os Otomanos haviam-se convertido numa potência naval digna de respeito, intervindo, desde o início de Quinhentos, no conflito de hegemonias das coroas ocidentais no Mediterrâneo<sup>8</sup>: recordemo-nos da intervenção de Carlos V, em Tunes, e na aliança turca com Francisco I de França. Não é, pois, surpreendente que a construção da memória deste monarca não deixe de ser elogiosa, ainda para mais pelos motivos já consabidos<sup>9</sup>. Mais, o próprio tom do discurso adotado por este autor, mesmo no relato de derrotas, é suave e desculpabilizador de qualquer erro dos turcos. É, no entanto, o *Libro III*<sup>10</sup>, o mais profícuo, em termos antro-po-etnológicos, já pela descrição do quotidiano, já pelas alusões aos marcados contrastes sociais<sup>11</sup> que, não obstante, não são suficientes para ofuscar o brilho de uma corte sumptuosa.

Por oposição a este quadro quási-idílico<sup>12</sup>, foquemo-nos, por ora, nos autores retintamente seiscentistas, como Lucas Pérez, Alonso Santo Tomás e, em menor escala, José Freire Monterroio Mascarenhas. Os dois primeiros, clérigos da linha dura, politicamente atuantes na monarquia espanhola, umbilicalmente aparentada com a Casa de Áustria, onde reinavam os mais veementes opositores à expansão turca para oeste, não poderiam deixar de afinar pelo diapasão oficial. O que é extremamente interessante, porém, é a diligência destes homens na demonização ostensiva dos turcos otomanos. Miguel Deslandes chega ao ponto de repugnar, num tom muito duro<sup>13</sup>, o costume muçulmano da auto-flagelação, ainda para mais com o intuito de requerer a intercessão de Alá no obviar dos desaires militares que assolaram o exército turco ao longo de todo o século XVII e que culminará, desastrosamente, no fracasso do segundo cerco de Viena, de 1683, onde, de uma vez para sempre, se assesta o *coup de grâce* às aspirações expansionistas da Sublime Porta. Veja-se, igualmente, o modo parenético como Santo Tomás incita a uma estratégia concertada de todos os países católicos contra a ameaça turca, indicando, para tal, o findar das desinteligências entre estes aliados naturais, numa

---

<sup>8</sup>Cf. todas as notas históricas que Yves LACOSTE dedica, preliminarmente, a todos os países que analisa nas suas interrelações com a geopolítica mediterrânica.

<sup>9</sup> Na verdade, a ligação entre turcos e judeus previa uma cláusula de benefício mútuo, pela enorme capacidade financeira destas comunidades judaicas, em pleno processo diaspórico.

<sup>10</sup>Cf. *op. cit.*, pp.207-231.

<sup>11</sup>Cf. *idem, ibidem*, maxime p.216.

<sup>12</sup>E frisamos “quási, já que o Moisés Almosnino não se cofbe, aqui e ali, de deixar ligeiríssimas críticas à administração turca.

<sup>13</sup>Vide Miguel DESLANDES, *Relaçom das rogaçoens e jejuns(...)*, *passim*.



estratégia discursiva, de timbre político, que, enformada pela oposição religiosa ao Turco, se mostra direcionada para a contenção definitiva daquela ameaça<sup>14</sup>. Também Monterroio Mascarenhas, se bem que consideravelmente mais atenuado no tom, dá-nos, em *Eclipse da Lua Otomana*<sup>15</sup>, um relato circunstanciado dos eventos que precederam e se sucederam ao recontro de Viena supracitado, materializando, desta feita, o preceituado pelo autor anterior.

É, sobretudo, Lucas Pérez quem nos oferece um terreno mais propício à dilucidação de uma antropologia coerente. Para já, o título da sua obra: *Historia del Estado Presente del Imperio Otomano* indicia, automaticamente, uma abrangência epistemológica incomum e, de facto, assim é. Nela se plasma, não só uma ampla e fundamentada crítica à religião islâmica, como uma alteridade civilizacional indiscutível. De outra forma não se explica que o livro se refira, com igual virulência, aos pecados doutrinários<sup>16</sup> que obscurecem “la luz del Evangelio” e as práticas sociais dos turcos, como o divórcio<sup>17</sup>. A prosa torna-se ainda mais aliciante quando se constata os paralelismos que o autor refere entre a depravação otomana e as heresias protestante e maniqueia(do tempo de Sto. Agostinho!). Dá-nos a nítida impressão que, sendo perfeitamente analisável do ponto de vista da antropologia, esta obra visa atingir quem fraturou deliberadamente a unidade da *Christianitas*. E, para consubstanciar esta afirmação, no capítulo XXIX, quando, em jeito de concessão, reconhece a obra meritória dos hospitais públicos de Constantinopla, associa-as de imediato à pálida luz que os escritos veterotestamentários, apesar de tudo, haviam projetado na axiologia otomana.

Fechamos com as suas palavras derradeiras, no capítulo XVIII, do Libro III, que, anunciando a morte progressiva do Império Turco, encerram igualmente um ciclo de glórias, anunciado por Almosnino na centúria anterior:

*“Si bien de lo dicho com toda claridad se colige la ruina del Imperio Otomano(...) Prospere el cielo de la Sagrada Liga para que(...) con la luz del Evangelio tantas almas ciegas en la supersticion de Mahoma, abran los ojos à luz de la verdad”*.

---

<sup>14</sup>Cf. Alonso SANTO TOMÁS, *Proclamacion catolica a los principes christianos(...)*, *passim*.

<sup>15</sup>Interessantíssimo título, já que, focando-se num símbolo irremediavelmente turco como o Crescente, lhe associa terminologia astronómica, *topos* frequente nas obras desta época. Uma futura investigação talvez nos elucide melhor neste aspeto.

<sup>16</sup>Cf. Lucas PÉREZ, *Historia del Estado Presente del Imperio Otomano, Libro I, Capítulos IX-XIII*, *passim*.

<sup>17</sup>Cf. *idem*, *ibidem*, Libro I, Capítulo XXX.

### Huntington e Saïd: polos da mesma elipse

Na verdade, tendo tido oportunidade de eleger outros autores tão ou mais controversos, a nossa opção por Samuel Huntington e Edward Saïd passou, em primeiro lugar, pelo conhecimento, prévio a este relatório, que já possuíamos das suas obras fundamentais, e, em segundo lugar e fundamentalmente, pela intensíssima discussão que as suas obras provocaram na comunidade académica mundial, não só pelo evidente polemismo das suas soluções, como pelos contextos em que viram a luz do dia. Escolhemos, pois, respetivamente, *The Clash of Civilizations* e *Orientalism* como o palco de discussão acerca da problemática terrorista, que se encontra presente no substrato da nossa abordagem.

Retomando o que já disséramos atrás acerca da diferenciação de vinculações de ambos<sup>18</sup>, conheçamos, por ora, um pouco melhor cada um deles, essencial na perceção das teses que enunciam. Ambos já falecidos, Huntington um pouco mais velho que Saïd, mas sensivelmente da mesma geração, se bem que com a diferença decisiva de Huntington ser um americano de origem, nova-iorquino na verdade, ao passo que Saïd, nascido em Jerusalém, emigrou para os E.U.A. ainda jovem, vindo a adotá-los como uma segunda pátria, mas nunca se desligando das suas raízes palestinianas, como *Orientalism* e, mais gritantemente, *Culture and Imperialism* bem demonstram. São os dois formados em conceituadas universidades da famosa *Ivy League*, ocupando Huntington um posto em Harvard e Saïd outro em Columbia. Assistiram, de igual modo, a toda a Guerra Fria e, concomitantemente, a todas as encruzilhadas que o mundo árabe-islâmico atravessou, mormente os começos e o desenrolar do conflito israelo-palestiniano e até as sucessivas batalhas que a entidade sionista travou para manter a sua inviolabilidade territorial e a sua legitimidade diplomática. Este elemento assume particular relevância em Saïd, já que, precisamente no ano anterior ao lançamento de *Orientalism*, isto é, em 1977, é eleito membro do Conselho Nacional Palestinião, dele se afastando politicamente somente catorze anos mais tarde, em protesto pelo apoio de Arafat a Saddam Hussein durante a Guerra do Golfo, posição que motivará, mais tarde, a crítica cerrada àquele dirigente pela deficiente negociação que conduziu durante os Acordos de Paz de Oslo, que não pressupunha o regresso dos refugiados às terras

---

<sup>18</sup>Cf. *supra* Enquadramento epistemológico: considerando heurísticos e historiográficos.

militarmente ocupadas por Israel, em 1967. No prefácio à última edição de *Orientalism*, datado de 2003<sup>19</sup>, Saïd nunca deixa de frisar que:

*“(...) after the 1967 Arab-Israeli war, a war in whose continuing aftermath (Israel is still in military occupation of the Palestinian territories and the Golan Heights)”*<sup>20</sup>

Quanto a Huntington, conselheiro de Lyndon Johnson, partidário da Guerra do Vietname, não podia estar mais afastado do comprometimento político de Saïd. Na verdade, podemos mesmo afirmar que ambos se situam de lados opostos da “barricada”. Até nas suas formações se distinguem amplamente: o autor americano é um politólogo, um homem que se dedicou, profissionalmente, à vida política, sendo visto com especial favor pelo Partido Republicano, ao passo que o autor palestino (designêmo-lo assim para evitar redundâncias) é especializado em Literatura Comparada e Inglesa. Para além do que temos vindo a dizer, nada mais influiu na composição das obras aqui em equação do que esta alteridade: se *Clash of Civilizations* se constitui como uma obra de ciência política que pretende retratar um cenário plausível pós-Guerra Fria, com a implosão do bloco soviético, a obra de Saïd pretende, através da análise de monumentos literários da cultura ocidental, identificar os caracteres típicos de uma visão antropológica do Oriente por parte do Ocidental. É uma obra de crítica literária, que pretende extrapolar algumas das suas conclusões para o inconsciente coletivo do Homem ocidental, apondo-lhe ideias que, insistentemente inculcadas desde há muitos séculos, se transformaram no património cultural europeu da visão do “outro”.

Ilustremos um pouco melhor o que queremos dizer com duas citações de cada um dos autores:

*“My idea in Orientalism is to use humanistic critique to open up the fields of struggle, to introduce a longer sequence of thought (...) to replace the short bursts of polemical, thought-stopping fury that so imprison us in labels(…)”*<sup>21</sup>

*“For the first time in history global politics is both multipolar and multicivilizational; modernization is distinct from Westernization and is producing*

---

<sup>19</sup> Note-se que no ano anterior, havia constituído a Iniciativa Nacional Palestiniana, que pretendia ser uma terceira força política, uma alternativa ao Hamas e à Autoridade Nacional Palestiniana.

<sup>20</sup> Edward SAÏD, *Orientalism*, 3ª ed., Penguin Books, London, 2003, p. XII.

<sup>21</sup> Cf. idem, *ibidem*, p. XVII.

*neither a universal civilization in any meaningful sense nor the Westernization of non-western societies”<sup>22</sup>.*

Curiosamente, dificilmente poderíamos ter encontrado dois excertos mais adequados para sintetizarem o pensamento de um e de outro. Ao passo que o primeiro se preocupa com a visualização e posterior desconstrução de uma série de rótulos apriorísticos(e grosseiramente falsos, na sua visão) relativos ao Oriente(e, em especial, ao mundo árabe-islâmico), o segundo teoriza uma nova ordem mundial multipolar, multicivilizacional, donde decorre uma perda de hegemonia da cultura ocidental, até então a que claramente se superiorizava nestas questões. Donde o “choque de civilizações”, conceito tão sedutor, quanto problemático, pelas incertezas quanto à identificação clara das civilizações em palco. Aliás, Huntington, ao longo do livro, alerta para os perigos do extremar do islamismo radical, nomeando detalhadamente os movimentos de libertação da Palestina, ela própria uma área inadequada para assumir a direção do Islão<sup>23</sup>. Aqui se vê o quão contrária é esta posição à defendida por Saïd, que, nos seus trabalhos académicos e na sua atividade política, sempre lutou pela emancipação da causa palestiniana, procurando catapultá-la para o epicentro das encruzilhadas que crivam o mundo árabe-islâmico.

Assim, analisando demoradamente a composição de um produto histórico multissecular(lembramo-nos que Saïd se alarga ao período medieval na sua análise de uma antropologia europeia do Oriental, chamando atenção para a alteridade religiosa desde sempre presente) e de desconstrução necessária para o melhor entendimento das complexas teias políticas daquelas regiões, o outro idealiza, fundamentadamente, um mundo onde as ligações antropológicas se multiplicariam, mercê de uma maior diversificação cultural dos legados constituídos, agora não tocados necessariamente pelo espectro do influxo europeu/ocidental. Este aspeto é fulcral. Estão os dois a reportar-se a elementos diferentes, mas acabam por confluir justamente no mesmo: na justificação de uma determinada ação, com um fim muito específico. Se em Saïd é a legitimidade da causa palestiniana o que está em jogo(como já vimos), em Huntington é, claramente, a posição do Ocidente (e da América, bem entendido) nesse policentrismo antropológico ululante.

---

<sup>22</sup>Cf. HUNTINGTON, Samuel *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, 1ª ed., Cox & Wyman, Reading, 2002, p.20.

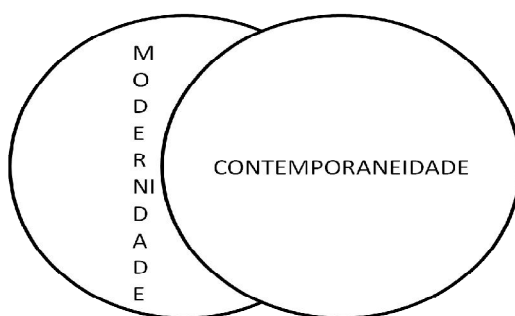
<sup>23</sup>Cf. idem, *ibidem*, p.209-218. Mais, o autor considera a Turquia o país mais apropriado para esta função, já que o secularismo de Attatürk fora uma traição ao seu destino histórico, forjado por muitos séculos de domínio otomano.

### Entrecruzamentos temporais na linha de Venn

Entramos agora na explicitação mais decisiva dos resultados desta investigação: os entrecruzamentos antropológicos, respeitantes à ligação entre o modelo identitário do Otomano na Modernidade e os atuais referentes ao mundo árabe-islâmico. É, de facto, um desafio muito grande compaginar conceitos tão complexos, sobretudo se tiveram a respetiva gestação em épocas distintas. No entanto, já que se manifesta verdadeiramente como o cerne do trabalho, elegemos, por comodidade, os dois campos onde, segundo concluímos, ambos os modelos moderno e contemporâneo contactam com mais acuidade: o **comprometimento dos autores** e a **religião**, justificando-se o primeiro pelo agudizar da consciência da importância do meio onde germinaram as ideias antropológicas acerca do outro. Em todos os casos que verificámos, tal campo foi absolutamente estrutural no delineamento de um modelo. Com o entrecruzamento seguidamente efetuado pretendemos, tão-só, aferir do seu peso, numa, e noutra realidade. Quanto à religião, dada a sua importância diacrónica em toda esta investigação, seria imperdoável não averiguar o seu peso relativo no cômputo de ambos os ritmos históricos.

Pareceu-nos, de igual forma, que uma representação gráfica meramente ilustrativa (portanto, sem preocupações matemáticas subjacentes) de um diagrama, **inspirado em Venn**, poderia facilitar a visualização clara destas relações, ao mesmo tempo que facilitava, certamente, a explanação delas decorrentes.

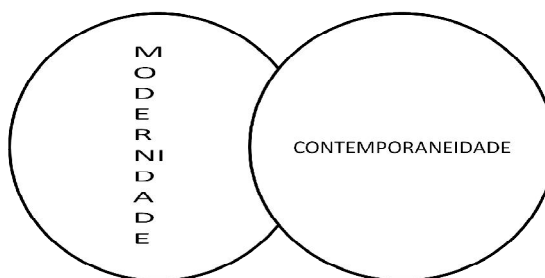
Começemos pelo comprometimento dos autores. Graficamente, a coincidência da importância deste fator é quasi-perfeita.



Como se pode observar, o círculo da Contemporaneidade está em vias de se sobrepor ao da Modernidade. A razão de ser de tal prende-se com o facto já mencionado de os autores contemporâneos, ao terem lançado dois livros científicos relativos a uma dada problemática, intentaram a apresentação de uma teoria, pautada, compreensivelmente, pela imparcialidade, o que não foi inteiramente conseguido, já que

as respectivas vinculações ideológicas não lhes permitem tal distanciamento, aproximando-se, por isso, dos autores da Modernidade, assumidamente parciais nas suas composições. Recordemos os casos concretos para justificarmos devidamente esta aceção: Moisés Almosnino, judeu sefardita de Salónica, escreve a crónica com claros intuítos políticos, sublimando a capacidade militar do soberano otomano e a civilidade da capitalidade turca, já que desejava assegurar a continuidade de uma relação vantajosa com as cúpulas da Sublime Porta; os autores seiscentistas, se bem que com variantes, todos eles são católicos tridentinos, comprovadamente avessos às heresias que a Inquisição diligentemente esmagava nos países mediterrânicos, e, por isso, perçetivelmente apostados em desacreditar, tanto teológica, como civilizacionalmente, o “outro” otomano; veja-se Edward Saïd, determinado a extirpar séculos de antropologia sobre o Oriental, já que somente semelhante ato lhe permitiria conferir, adicionalmente, algum prestígio à causa palestiniana, pela qual se bateu incessantemente ao longo de toda a sua vida; finalmente, Huntington, como um político experiente de variadas Administrações norte-americanas, mostra-se preocupado com a posição do seu país num mundo onde a cultura que o enformara começa a perder, gradativamente, importância. Donde se segue a apreensão com que olha para o extremismo islâmico e a repetição, certamente involuntária, de alguns dos clichés apontados por Saïd. Note-se, em abono da verdade científica, que, de todos, é o professor de Harvard o que menos revela claramente as suas vinculações ideológicas. Em suma, qualquer paradigma representativo será sempre uma construção compósita e incapacitantemente complexa, já que os motivos que levam à sua conceção são múltiplos e prendem-se com realidades que se intersejam continuamente. No caso do estatuto do muçulmano da Modernidade, pois, podemos afirmar que existe, como é bom de ver, uma ligação inequívoca com o que é concetualizado na Contemporaneidade. Olhando-se, ora com apreço, ora com animosidade, ou simples desconfiança, para o mundo árabe-islâmico, é sempre uma questão de perspetiva, mesmo do ponto de vista do ocidental, aparentemente uniforme nas suas perceções representativas.

No caso da religião, a representação gráfica é algo como o que se segue:



É bem visível a diferenciação relativamente à representação anterior. Neste caso, a Contemporaneidade afasta-se, decididamente, da Modernidade. E, sem qualquer dúvida, o modelo identitário atual do crente muçulmano não se baseia, primacialmente, numa qualquer alteridade religiosa, como se sabe. Indesmentível é, todavia, o grande peso da mesma na Modernidade, pelos motivos já aduzidos. Ainda assim, esta questão merece-nos uma explicitação mais aprofundada. É que, tal como já afirmámos<sup>24</sup>, a religião é estrutural em toda esta questão. Senão vejamos: qual o único elemento que primeiramente relevou a alteridade entre o Ocidente e o Próximo Oriente? A diferenciação religiosa, independentemente de ambas entroncarem no mesmo substrato milenar. Por isso, a verdade é que a religião é, por si própria, um fator de separação antropológica. Aliás, não só a teologia que a enforma, mas as próprias práticas que preconiza, já que, interessantemente, aquelas se integram no património de uma civilização, compondo, por consequência, uma diferença bem visível. O Ocidente e o Oriente são o exemplo acabado disso mesmo, com um pormenor adicional muito importante: o segundo sentiu as grilhetas culturais do primeiro, pela via do imperialismo fini-oitocentista, numa primeira fase, por meio de um assalto económico concertado, já nos nossos dias. Não que a ocidentalização tenha sido um processo totalmente eficaz, mas não há dúvida de que descaracterizou, parcialmente, aquilo que fora outrora uma civilização palpavelmente afastada da ocidental. Contudo, houve um traço que, longe de sofrer modificações, pelo contrário acentuou, decididamente, a sua virulência<sup>25</sup>: a religião. É quase um ciclo vicioso. Se a Modernidade colocou, indiscutivelmente, a tónica no elemento religioso como clara justificação de uma alteridade, a Contemporaneidade, se bem que maioritariamente secularizada, não menospreza a religião do mundo árabe-islâmico, sobretudo quando se apercebe, com algum espanto, que tal serve de legitimação a atos de violência terrorista<sup>26</sup>. Em síntese, o que verdadeiramente mudou entre um tempo e o outro foi a natureza das motivações do quadrante europeu, tendo o “outro lado” mantido a sua crença inabalável no carácter fundacional da religião que abraçam há vários séculos. Donde se segue mais uma comprovação a respeito da diacronia das representações antropológicas aqui em equação.

---

<sup>24</sup>Cf. *supra* Metodologia aplicada: considerando hermenêuticos

<sup>25</sup>A Irmandade Muçulmana, de que já falamos, surge precisamente nesta sequência.

<sup>26</sup>É por isso que, argumentando sofisticadamente, Saïd nos surge como um defensor de um movimento que recorre a estes expedientes, e Huntington como um ocidental preocupado com a expansão desta mensagem ideológica.



### Execução Financeira

Por economia de espaço, remetemos para os anexos, exclusivamente, os itens mais pertinentes na prossecução da investigação, isto é, todos os livros que adquirimos.

Data	Designação	Fatura nº	Valor	Saldo
02-11-2011	Transferência Bancária	----	950,00 Euro	966,80 Euro
21-11-2011	Ativação do Cartão de Multibanco	----	----	----
22-11-2011	Levantamento do Multibanco	----	20, 00 Euro	946,80 Euro
22-11-2011	Pagamento de Fotocópias e Encadernação	----	5,45 Euro	946,80 Euro
25-11-2011	Levantamento do Multibanco	----	20,00 Euro	926,80 Euro
25-11-2011	Compra de <i>O Império Otomano</i>	Anexo2	19,99 Euro	926,80 Euro
25-11-2011	Levantamento do Multibanco	----	20,00 Euro	906,80 Euro
25-11-2011	Levantamento do Multibanco	----	10, 00 Euro	896,80 Euro
25-11-2011	Compra de <i>O Islão e o Ocidente</i>	Anexo2	26,45 Euro	896,80 Euro
28-11-2011	Compra dos livros discriminados nos Anexos	Anexo1	283,47 Euro	606, 13 Euro
11-03-2012	Compra de <i>Eastern Question 1774-1923</i>	----	GRATUITO, dado o acionamento de um vale de compras, obtido pelo cancelamento de outra encomenda.	606, 13 Euro
23-07-2012	Compra de CD-ROM's	----	8,99 Euro	597,14 Euro



### Conclusões

É altura de fazer um conspecto genérico desta investigação, por forma a sistematizar um pouco melhor o que intentámos evidenciar. Trata-se, pois, de um exercício de síntese.

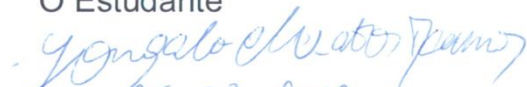
Em primeiro lugar, concluímos que, não obstante ser a animosidade o prato-forte da alteridade entre ambos os blocos civilizacionais(até porque foi a que se materializou com mais frequência), pudemos discernir, pelo menos, dois modelos antropológicos, tanto na Modernidade, como na Contemporaneidade: o primeiro, que denominámos “paradigma saídiano”(já que é o professor de Columbia o seu teorizador), e que tem os seus expoentes máximos em autores como Lucas Pérez e, em menor escala, Huntington; o segundo, que designámos “paradigma almosniano”(já que, para o reduzidíssimo leque de autores, foi o que melhor encarnou este espírito conciliatório), e a que Saïd certamente pertence, neste contexto. Note-se, contudo, que, se no primeiro paradigma, é a religião o que está em causa(com as práticas culturais a reboque), no segundo é exatamente o contrário o que sucede. É por isto mesmo que um modelo antropológico do mundo árabe-islâmico pode rastrear, de facto, a sua génese na idade histórica anterior, mas não deve perder de vista alteridade epocal.

Outro ponto fulcral, decorrente do anterior, prende-se com a centralidade do comprometimento do autor na definição de uma representatividade. Ideologia, nacionalidade, religião são apenas alguns dos fatores que interferem nesta questão, o que jamais deverá ser escamoteado, antes colocado no topo das prioridades do Historiador.

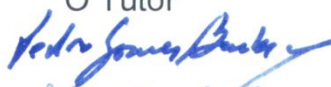
Decorrente desta análise dos paradigmas representativos, compreendemos, paralelamente, que, para um cientista social, a consideração genérica de um único grupo humano, por muito homogéneo que se apresente, é um erro fatal. É o que acontece, muitas vezes, nos órgãos decisórios, competentes na resolução do fenómeno terrorista.

Peroramos com a plena consciência do artificialismo heurístico e hermenêutico que lográmos nesta investigação(por economia de espaço) e esperamos, honestamente, que este relatório se possa apresentar como o *incipit* de um percurso investigativo autónomo: as raízes históricas do Terrorismo, na variante de estudos otomanísticos.

O Estudante

  
Data: 25 / 07 / 2012

O Tutor

  
Data: 25 / 07 / 2012

## Bibliografia

### Fontes Modernas

ALMOSNINO, Moisés

*Crónica de los Reyes Otomanos*, 1ª ed. de Pilar Romeu Ferré, Tirocinio, Barcelona, 1998.

DESLANDES, Miguel

*Relaçam das rogaçoens, & jejuns, que se fizeram em todo o Imperio Otomano, por mandado do Graõ Senhor Ameth Zelin, Sultão, Emperador do Oriente, & Occidente, Senhor dos Senhores, & verdadeiro descendente do grande profeta Mafoma*, oficina de Miguel Deslandes, 1686.

MASCARENHAS, José Freire Monterroio

*Eclipse da lua otomana, ou compendio historico de todos os successos desta ultima guerra contra os otomanos, desde seu principio até a destruição dos turcos: pelas armas da Liga Christaã(...)*, oficina de Miguel Deslandes, 1684.

PÉREZ, Lucas

*Historia do Estado Presente del Imperio Otomano*, 1ª ed., Salamanca, 1690.

SANTO TOMÁS, Alonso

*Proclamacion catolica a los Principes Christianos, sobre la union a la sagrada liga, contra el Otomano Imperio*, 1ª ed., Málaga, 1684.

### Bibliografia Nuclear

HUNTINGTON, Samuel

*The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, 1ª ed., Cox & Wyman, Reading, 2002.

SAÏD, Edward

*Orientalism*, 3ª ed., Penguin Books, London, 2003.

### Bibliografia Auxiliar

BARBOSA, Pedro Gomes, *et all*

*As Teias do Terror e as Novas Ameaças Globais*, 1ª ed., Ésquilo, Lisboa, 2006.

LACOSTE, Yves

*Geopolítica do Mediterrâneo*, 1ª ed., Edições 70, Lisboa, 2008.

LEWIS, Bernard

*What Went Wrong?*, 1ª ed., Oxford University Press, Oxford, 2003.

QUATAERT, Donald

*O Império Otomano: das origens ao século XX*, 2ª ed., Edições 70, 2008.

## Anexos

## Anexo1

[illegible]

## Anexo2



Pedro Miguel Rodrigues Barata  
Avenida Cidade de Luanda, 338 1º-10  
Lisboa  
1800-096 Lisboa  
Telefone: 934 285 023  
Telefax:  
pbarata.mail@gmail.com  
Capital Social:

N/N.Contribuinte: 201812380

QIQQ-Processado por programa certificado nº 384/DGCI

Exmos. Senhores

Gonçalo Ramos

Portugal

ORIGINAL  
Página 1/1

Data	Vencimento	V/Contribuinte	Armazém	Vendedor	Nº Venda-a-Dinheiro
2011-12-15	2011-12-15	208913750	Armazém geral	Vendedor geral	VDN 89

Os valores apresentados incluem a taxa de IVA actualmente em vigor

Artigo	Designação	Qtd.	Un.	Preço Un.	Dsc.	IVA	Valor
9789724415239	O Império Otomano Das Origens ao Século XX	1	Uni	22.21	9.99	6	19.99
9789724412870	O Islão e o Ocidente	1	Uni	29.68	10.7	6	26.50

Os artigos/serviços foram colocados à disposição do adquirente nesta data, ao abrigo da alínea f) do nº 5, do 36º artigo do código do IVA

Taxa	Designação	Incidência	Valor IVA
6	Taxa para Livros	43.86	2.63

Valor Ilíquido	48.95
Desconto	5.09
Desc. Financ.	0.00
Valor sem IVA	43.86
Valor IVA	2.63
Acerto	0.00
Valor TOTAL EUR	46.49